Construção

Crescimento movido a crédito

Ana Maria Castelo
Fernando Garcia

A CONSTRUÇÃO começou o ano com as melhores expectativas possíveis: o crédito e o PAC prometiam ser duas forças importantes, impulsionando o setor ao longo do ano. Em meados de junho, os indicadores de atividade referentes aos quatro primeiros meses permitem manter o otimismo e as boas projeções para o setor.

Um dos principais indicadores de atividade da construção é o emprego, o qual vem registrando taxas de crescimento expressivas. Segundo a pesquisa FGV/Sinduscon-SP, das 27 unidades da Federação, 21 apresentaram crescimento do emprego com carteira nos quatro primeiros meses deste ano. Em 15 Estados, as taxas de crescimento, quando comparadas com o mesmo período de 2006, são superiores a 5%. Na média do país, o emprego com carteira se elevou 6,4%. Como não há obra sem trabalhador, as altas taxas de crescimento do emprego mostram o dinamismo do setor nesses primeiros meses.

É interessante notar também que quase todos segmentos da construção apresentaram taxas de crescimento do emprego formal superiores a 5% no acumulado até abril. A maior taxa é a do segmento preparação de terrenos, com 10,5%, o que indica que os novos projetos já estão am andamento. Em um estágio anterior do processo de construção, o segmento de engenharia e arquitetura também registrou elevação expressiva, de 7,7% nestes mesmos meses. Ou seja, o investimento deve continuar em ritmo intenso nos próximos meses.

A despeito dos bons resultados de todos segmentos, pode-se dizer que as edificações continuaram a comandar o cenário de crescimento. Os dados de volume de empréstimos e número de financiamento confirmam o bom momento por que passa a área imobiliária. Entre janeiro e abril, o volume de empréstimos com base nos recursos das cadernetas de poupança atingiu R$ 4,1 bilhões, o que representa um crescimento de 71% em relação ao mesmo período de 2006. Foram financiadas 48.046 unidades, ou quase 60% a mais do que nos mesmos meses de 2006. Nesse mesmo período, os recursos provenientes do FGTS financiaram a construção e aquisição de mais 63 mil habitações, o que significou um volume de recursos da ordem de R$ 1,6 bilhão. Ou seja, o crescimento do crédito, com base nos recursos da poupança e do FGTS, tem contribuído de forma decisiva para essa grande expansão. Além disso, há também o efeito da capitalização das empresas que foram ao mercado aberto. São apenas 14 construtoras e incorporadoras, mas elas representam uma parte significativa do volume geral de vendas do mercado imobiliário nesses primeiros meses do ano. Essas empresas, apesar de pertencerem ao eixo Rio-São Paulo, começaram a realizar parcerias com construtoras e incorporadoras de outras capitais, dando início a uma expansão fora de sua área tradicional de atuação, com efeitos em várias regiões do país.

Taxas tão expressivas contrastaram bastante com o desempenho do PIB da



Com um volume de investimentos menor, a estimativa agora é de um crescimento de 7,9% para a construção e de 4,1% para o PIB do país

construção do primeiro trimestre, que registrou crescimento de apenas 2,4% em relação ao primeiro trimestre de 2006. O número reflete o desempenho do indicador de produção física de materiais de construção, que continua sendo utilizado para a estimativa do PIB trimestral do setor. O cimento, com grande peso no índice, respondeu por boa parte do resultado aquém das expectativas e dos números do emprego. Nos três primeiros meses do ano, a produção de cimento também cresceu apenas 2,4%. Um aspecto importante que pode explicar esse descompasso é o fato de o crescimento da construção estar sendo impulsionado pelo lado formal do setor. Nesse segmento, o uso direto de cimento nas obras vem diminuindo ao longo dos anos, sendo substituído por argamassas, concreto e produtos de fibrocimento. Note-se que, nos três primeiros meses do ano, a produção de artefatos de cimento, concreto e fibrocimento registrou elevação de 16,2%.

De todo modo, a partir de abril, esse quadro começou a mudar, e o descompasso diminuiu: a produção de cimento foi quase 13% superior à de abril de 2006, elevando o acumulado do ano para 4,9%. O consumo de vergalhão também registrou elevação expressiva em abril (16%), e o crescimento acumulado no ano ficou em 7%, na comparação com os quatro primeiros meses de 2006. O impacto desse crescimento no índice de produção física de abril já pôde ser notado. Assim, o PIB do setor já apresenta uma melhora no quadrimestre: crescimento de 3,5%.

Um primeiro balanço

Se a expansão do crédito tem cumprido – e até superado – as projeções positivas do início do ano, em relação ao PAC não se tem a mesma certeza. Passados os primeiros cem dias de vigência do programa, o governo anunciou um balanço em que ficou evidente que muitos projetos não foram sequer iniciados. As maiores dificuldades permanecem com os trabalhos que envolvem a obtenção das licenças ambientais. Na área de saneamento, os recursos nem começaram a ser liberados e faltam projetos para as verbas disponíveis. A área que mais avançou foi a de transportes, em que as obras começam a caminhar.

O governo ainda está pagando trabalhos realizados em 2006, mas, de todo modo, já se percebeu um aumento do dispêndio da União com obras e máquinas e equipamentos: o governo fechou o primeiro quadrimestre do ano investindo mais do que nos dois últimos anos. De janeiro a abril, R$ 3,8 bilhões foram invertidos em compra de equipamentos e obras. As áreas de transporte e saúde têm sido as mais beneficiadas, com 28% e 14% respectivamente, do valor investido até abril.

Portanto, se o PAC não se transformou na principal força de estímulo às atividades do setor, já começou a influenciar seu nível de atividades. O recrudescimento da contratação de empregados nos segmentos de infra-estrutura confirma o cenário mais positivo em relação a 2006. De janeiro a abril, o número de empregados em obras de infra-estrutura elevou-se 4,3% em relação a 2006. Apenas em abril, o número de empregados foi 5,2% maior do que no mesmo mês de 2006.

Produto da Construção, taxas de crescimento anual 2006-2010

Ano	Cenário de referência	com PAC	
		Integral	70% do investimentos
2006	4,6%	4,6%	4,6%
2007	6,4%	9,3%	7,9%
2008	3,2%	14,0%	10,2%
2009	2,5%	10,4%	9,0%
2010	2,5%	5,9%	4,0%
Médio	3,7%	9,8%	7,8%

Fonte: FGV.

Efeitos sobre crescimento econômico

Ano	Cenário de referência	com PAC	
		Integral	70% do investimentos
2006	3,7%	3,7%	3,7%
2007	3,8%	4,3%	4,1%
2008	3,8%	5,0%	4,8%
2009	3,9%	5,0%	4,9%
2010	3,8%	5,2%	4,8%
Médio	3,8%	4,8%	4,6%

Fonte: FGV.

Ambiente favorável

Outro aspecto que deve ser destacado é o ambiente favorável ao investimento das empresas dado pelos bons fundamentos da economia (taxa de juros em queda e renda em crescimento). Recente sondagem do IBRE/FGV, realizada com empresários da indústria de transformação, mostrou que 34% das empresas consultadas em abril afirmaram estar investindo mais no primeiro semestre de 2007 do que fizeram no semestre imediatamente anterior; contra 21% que estão investindo menos. A partir do segundo semestre, os efeitos dos novos investimentos em infra-estrutura serão mais bem percebidos.

Com a revisão das contas nacionais, a FGV Projetos também revisou para cima suas projeções para o setor e para economia. Para 2007, em um cenário que considera um volume de investimentos um pouco abaixo do anunciado pelo PAC, a estimativa agora é de um crescimento de 7,9% para a construção e de 4,1% para o PIB do país.

PAIC 2005 TRAZ INFORMAÇÕES DETALHADAS SOBRE VOLUME DE INVESTIMENTOS

O IBGE divulgou em maio último a Pesquisa Anual da Indústria da Construção de 2005, que traz o desempenho das empresas formais por segmento de atuação em todo país. Os números confirmaram o desempenho ruim registrado pelo setor em 2005.

O balanço de final do ano, realizado em março de 2006, já mostrara que os resultados de 2005 haviam frustrado as expectativas e as projeções de um crescimento mais expressivo. Tomando por referência indicadores como emprego formal, produção de insumos e venda do comércio de materiais de construção, o setor apresentou um desempenho medíocre na comparação com os números de 2004. Ainda assim, o PIB do setor cresceu 1,2%, registrando o segundo resultado positivo, depois de uma série de três quedas consecutivas.

Na infra-estrutura, o valor das obras e serviços ficou 1,0% menor em relação a 2004

A divulgação da PAIC veio confirmar que 2005, mais que um ano medíocre, foi de resultados negativos para as construtoras, e que o pouco crescimento observado no ano se deveu às atividades de autônomos, ou seja, à autoconstrução.

De acordo com a pesquisa, havia em 2005 no país 105,5 mil empresas formais de construção, ocupando um contingente de 1,554 milhão de pessoas. Essas firmas geraram obras e serviços da construção no montante de R$ 100 bilhões e adicionaram R$ 55,555 bilhões ao PIB brasileiro, ou ainda, foram responsáveis por 2,6% do PIB a preços de mercado de 2005. As firmas de pequeno porte, com até quatro pessoas ocupadas, representaram a maior parte (73%) do total de empresas, embora tenham ocupado 15% da mão-de-obra e tenham sido responsáveis por 10% do valor das obras e serviços.

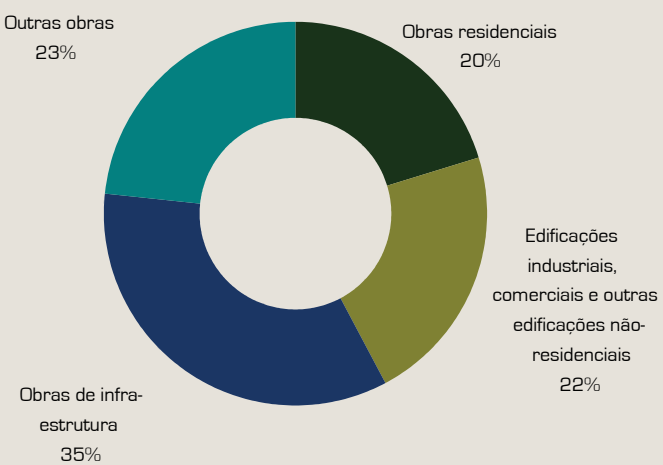
Considerando apenas as empresas com cinco ou mais pessoas ocupadas[1], que realizaram obras e serviços equivalentes a R$ 89,6 bilhões, os principais segmentos de atividades foram infra-estrutura, edificações não residenciais e edificações residenciais, com 34%, 22% e 20%, respectivamente, do valor das obras e serviços da construção.

A PAIC mostrou também que o valor das obras e serviços realizados pelo total das empresas em 2005 registrou uma elevação nominal de 3,8%, o que deflacionado pelo INCC, representou um decréscimo de 2,8% na comparação com 2004.

Nas empresas com cinco ou mais pessoas ocupadas, o desempenho negativo foi intenso entre as firmas de edificações residenciais (-10%, em termos reais). Em contrapartida, o segmento de edificações comerciais observou um crescimento do valor de suas obras e serviços de 16%, acima do INCC – resultado que reflete o movimento de expansão do número de shoppings centers no país. Na área de infra-estrutura, houve redução dos investimentos, e o valor das obras e serviços ficou 1,0% menor em relação a 2004 (-7,4% em termos reais), por conta principalmente da queda dos investimentos em geração de energia – barragens e represas para geração de energia elétrica – e em usinas, estações e subestações elétricas. O valor das obras e serviços em rodovias aumentou 3,9%, o que significou uma redução de quase 9% com relação a 2004, em termos reais.

Deve-se registrar ainda o expressivo aumento do valor das obras e serviços em trabalhos prévios da construção, de 12,6% nominais, sinalizando uma preparação para o início de obras, movimento que provavelmente só começou a ter reflexos em 2006.

Obras e serviços da construção, 2005 (%)



Fonte: IBGE.

1 A PAIC não desagrega o estrato de empresas com menos de cinco empregados.